

MESTRE ECKHART: UMA MÍSTICA SEM ADJETIVOS

*Prof. Dr. Matteo Raschiatti**

Resumo

Em que sentido Eckhart deva ser considerado um místico, sem diminuir o seu valor como teólogo de renome. O homem para que Deus nele domine absolutamente deve tornar-se vazio, num processo contínuo. Aqui desenvolve o tema da expulsão dos vendedores do templo. Outro aspecto que é marca do Eckhart é a mística do desprendimento, a partir de onde faz um confronto com Marguerite Porete. Enfim desenvolve-se o tema de o homem como “aspectum” de Deus e Deus respectivamente do ser humano.

Palavras-Chave

“Sapida ciência”. Desprendimento. Imagem. Eckhart. Mística.

Abstract

In what sense Eckhart should be considered a mystic, without diminishing his value as a renowned theologian. For God to dominate absolutely the man must become empty, in a continuous process. Here Eckhart develops the theme of the seller's expulsion of the sellers from the temple. Another aspect that is a mark in Eckhart is the mystique of the detachment, from where Eckhart makes a confrontation with Marguerite Porete. Finally is developed the theme of man as the “aspectum” of God and God respectively of the human being.

Keywords

“Sapida science”. Detachment. Image. Eckhart. Mysticism.

Introdução

A palavra mística é de origem grega e na sua raiz se encontra o verbo *myein*, que indica o ato de fechar, aliás de entreabrir, os órgãos dos sentidos. Ligada ao conceito religioso arcaico de “mistério”, indicava uma dimensão não tanto misteriosa quanto iniciática, reservada àqueles que tinham sido adequadamente instruídos, inclusive por um processo de purificação. Na Idade Média o uso da palavra mística como substantivo não é comprovado, embora seja possível encontrar raros exemplos de emprego como adjetivo. Nesse caso, “místico” tem a ver com secreto, misterioso, de forma bastante próxima ao significado mistérico do mundo grego clássico. Mas aqueles que

são considerados grandes místicos medievais – sejam eles homens ou mulheres, religiosos ou leigos – utilizaram muito raramente esse termo, e sempre como adjetivo. Eles, portanto, nunca tiveram consciência de si mesmos como místicos.

Essa questão da mística, entretanto, é controversa em se tratando de Mestre Eckhart¹: é correto afirmar que ele foi, antes de tudo, um místico? Segundo o medievalista suíço Kurt Ruh, autor de uma obra sobre o mestre dominicano que constitui um marco na literatura (e que neste ano completa 30 anos da sua primeira edição)², além de uma monumental *História da Mística Ocidental* em 4 volumes³,

essa pergunta tem origem na obra latina, mas desta se pode afirmar que é orientada metafisicamente. Isto vale também para os comentários da Bíblia, enquanto exegese que acompanha a pregação, pela sua específica intenção. Sendo que assim o ‘místico’ Eckhart fica limitado à obra em língua alemã, alguém acreditou ser possível reconduzir o ‘místico’ Eckhart às ‘categorias literárias, da germanística’, onde ambos os adjetivos, ‘literário’ e ‘germanístico’ são carregados de significado negativo⁴.

A palavra mística, por sua vez, pode dar azo a uma espécie de censura historiográfica na medida em que é contraposta à escolástica, considerada por alguns a expressão dominante e mais desenvolvida do pensamento medieval. Esta forma de pensar, além de não fazer jus à complexidade da realidade medieval, contribuiu para alimentar uma interpretação minimalista de Eckhart como um escolástico medíocre, ou como expressão de um pensamento nacional alemão cujo surgimento coincidiu com o fim da escolástica.

¹ Dominicano alemão (1260-1328), enviado várias vezes à Universidade de Paris (em 1293-94 em qualidade de *lector sententiarum*, em 1302-1303 e, em 1311-1313, como *magister sacrae theologiae*), ocupou cargos de primeiro plano na ordem (prior de Erfurt, vigário geral da Turingia, provincial da Saxônia, vigário geral da Boêmia, vigário geral da Teutônia) e desenvolveu uma atividade intensa como pregador. Em 1314 foi enviado a Estrasburgo e, dez anos mais tarde, a Colônia, no *Studium generale* fundado por Alberto Magno. A brilhante carreira foi interrompida improvisamente pelo processo por heresia que o bispo de Colônia empreendeu contra ele, cujo desfecho foi a bula de condenação *In agro dominico* de 1329 (após a morte de Eckhart, ocorrida um ano antes). O peso da condenação papal influiu na circulação de suas obras, que chegaram até os dias de hoje de maneira fragmentada; apesar disso, elas alimentaram uma tradição submersa e eficaz que perpassou os séculos e, desde o começo, se estendeu além das fronteiras da área alemã.

² RUH, K. *Meister Eckhart. Theologe, Prediger, Mystiker*. München: C. H. Beck, 1985. Aqui foi utilizada a tradução italiana: *Meister Eckhart. Teologo, Predicatore, Místico*. Brescia: Morcelliana, 2ª ed., 1989.

³ RUH, K. *Geschichte der abendländischen Mystik*. 4 Bände, C. H. Beck, München 1990-1999.

⁴ *Idem*, p. 287.

1 Sapida scientia

A pessoa e a história de Mestre Eckhart representam um caso raro de “imbricação”⁵ e síntese feliz entre filosofia, teologia e mística. Para delinear os traços essenciais da mística eckhartiana, contudo, faz-se mister evitar o uso de adjetivos que delimitem sua compreensão, à procura daquela sapiência que, como diz a etimologia da palavra, é *sapida scientia*, um conhecimento tão rico de sabor que faz saborear de antemão as delícias das coisas eternas.

É o próprio mestre dominicano que fala da *sapida scientia* num sermão acadêmico proferido em Paris no dia 28 de agosto de 1302 (ou 1303), em ocasião da festa de Santo Agostinho, a partir da citação do livro do Eclesiástico *Vas auri solidum ornatum omni lapide pretioso*⁶ (Como um vaso de ouro maciço, ornado de toda espécie de pedra preciosa, Eclo 50,10). O turíngio, com suas palavras, celebra o santo pela “abundância de sapiência e de ciência reunidas sob vários aspectos” (*moltitudine sapientiae et scientiae sub diversis habitibus collectae*⁷). Falando de *sapientia* e de *scientia*, Eckhart se refere às faculdades do homem que, para o Bispo de Hipona, são as mais nobres, ou seja, as faculdades intelectuais: uma, a *scientia*, orientada ao conhecimento enquanto tal, e outra, a *sapida scientia*, orientada à visão das coisas eternas, como um conhecimento saboroso que, às vezes, introduz no homem um desejo profundo (*quasi sapida scientia, quae aliquando intromittit hominem in affectum multum*⁸). Essas duas faculdades, conjugadas na etimologia de *sapientia*, *sapida scientia*, encontram-se unidas intimamente na mística de Mestre Eckhart: ele foi teólogo de renome e, ao mesmo tempo, mestre de espiritualidade. Nas suas obras, entretanto, ele nunca fala da experiência mística. Alguns concluíram, portanto, que a sua seria uma “mística do espírito” e não uma *cognitio Dei experimentalis*, conforme a expressão indicada por Boaventura de Bagnoregio. Só que a simples ausência de um discurso sobre a mística não pode constituir uma prova contra ela ou, paradoxalmente, a favor dela (pelo fato de ser uma experiência infável).

⁵ Segundo o dicionário Houaiss, imbricação é a “disposição de folhas de plantas, de escamas de peixes ou de quaisquer objetos reunidos de tal forma que se sobreponham em partes uns aos outros, como as telhas de um telhado”. Cf. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Manaus: ed. Objetiva, 2000.

⁶ ECKHART, M.. *Werke II - Predigten und Traktaten*. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 2008, pp. 556-569.

⁷ *Idem*, p. 556.

⁸ *Idem*, p. 562.

Seja como for, o turíngio pertencia à ordem dos Pregadores, uma ordem de frades pobres e estudiosos que, segundo as intenções de seu fundador Domingos de Gusmão, contemporâneo de Francisco de Assis, deviam pregar a doutrina cristã não só com palavras mas também com o exemplo de vida, sem as suspeitas de interesses materiais. Assim Mestre Eckhart pregou o nascimento do *logos* no fundo da alma, o desprendimento, a liberdade infinita do pobre no espírito, a bondade e a justiça divinas, a doutrina do homem imagem de Deus, e fez isso num modo enfático e carismático, o que deixa pressupor experiências místicas pessoais que ele, entretanto, silenciou. Se uma das características da mística é a capacidade de sentir e pregar *in via* (isto é, na vida terrena) as realidades eternas alcançáveis plenamente *in patria* (isto é, na vida eterna) sem perder o horizonte da temporalidade, a vivência de Mestre Eckhart pode ser muito bem chamada de mística. Com efeito, Johannes Tauler, que conviveu com ele e se tornou seu discípulo, no sermão *Clarifica me, Pater* (n. 15, Glorifica-me, ó Pai), assim descreveu como o mestre foi visto na sua época e de que maneira seu pensamento foi julgado:

Sobre isso, assim ensina um amável mestre, mas vós não o entendeis. Ele falava do ponto de vista da eternidade, mas vós o interpretastes segundo a temporalidade. [...] Um nobre mestre falou sobre esse pensamento, sem indicação e sem caminhos pré-determinados (para alcançar a verdade suprema). Muitas pessoas entendem isso segundo o modo dos sentidos exteriores e se tornam homens envenenados, e por isso é cem vezes melhor que eles cheguem lá com indicações e caminhos pré-determinados⁹.

Foram individuadas três características da mística de Mestre Eckhart, a saber: a mística da essência, a mística do desprendimento e a mística da imagem sem imagem.

2 A mística da essência

Mestre Eckhart recupera e valoriza a doutrina da interioridade agostiniana como retorno da alma em si mesma, no seu “fundo” e “castelo”, onde ela se descobre como o lugar do nascimento eterno do *logos* e da identidade com Deus. Com uma linguagem extremamente rica e fascinante, o turíngio explora num modo inédito a essência daquilo que é mais elevado na alma, seu espírito mais íntimo e profundo, a “centelha” na qual se encontra o Uno, a Deidade, Deus.

⁹ TAULER, J. *Predigten*. Band I. Einsiedeln-Trier: Johannes Verlag, 1987, pp.100-107.

No Sermão alemão nº. 1 (*Jesus entrou no templo e começou a expulsar aqueles que vendiam e compravam*, Mt 21,12), o dominicano alemão lança mão da imagem do templo como lugar da alma onde se dá a união entre Deus e o homem:

Lemos no santo evangelho que Nosso Senhor entrou no templo e expulsou os que ali compravam e vendiam; e disse aos outros que ofereciam em pechincha pombas e coisas parecidas: “Levai isso embora, retirai-o para longe!” (Jo 2,16). Por que Jesus expulsou os que compravam e vendiam, e aos que ofereciam pombas apenas ordenou que esvaziassem o lugar? E que, em tudo isso, a sua única exclusiva intenção era querer ter o templo vazio, justamente como quisesse dizer: “Tenho direito sobre esse templo, e nele quero estar só e reinar” .¹⁰.

O mestre dominicano afirma que a igualdade entre o homem e Deus, revelada no livro do Gênesis, é alicerçada na propriedade comum de estar vazio e só enquanto o templo (ou seja, a alma) for vazio, pode ser igual e semelhante a Deus. A essência do homem, segundo Eckhart, qualifica-se como aquele lugar onde Deus pode dominar absoluta e exclusivamente na medida em que o homem se torna vazio, ou seja, renuncia a si mesmo. Esse tornar-se vazio, contudo, não acontece do dia para noite: este é um processo que faz com que o homem se liberte, progressiva e gradualmente, daquilo que é alheio à sua verdadeira natureza. Com efeito, em si ele não é nem vazio e nem livre, parecendo-se mais com “as pessoas que compravam e vendiam no templo”:

Pois, atenção! Quem eram as pessoas que lá compravam e vendiam, e quem são elas ainda? Escutai, pois, com muita precisão! Agora, sem exceção, quero pregar, falando somente de *boas* pessoas. Desta vez, porém, quero mostrar quem eram e quem são ainda <hoje> aqueles que assim compravam e que ainda o fazem, esse que Nosso Senhor enxotou e expulsou. E isso Ele o faz sempre ainda a todos que compram e vendem, ali nesse templo. Desses, não quer deixar nenhum, nem sequer um único, ali dentro. Vede, mercadores são todos eles, todos que se guardam contra pecadores grosseiros, que gostariam de ser boas pessoas e que praticam suas boas obras para a honra de Deus, como jejuar, vigiar, rezar e toda a sorte de semelhantes boas obras, e o fazem, no entanto, a fim de que Nosso Senhor lhes dê algo em troca ou que Deus lhes faça algo que seja do agrado deles: todos esses são mercadores¹¹.

¹⁰ ECKHART, M. *Sermões Alemães*. Vol. 1. Bragança P.ta/Petrópolis: Ed. São Francisco – Vozes, 2006, p. 39.

¹¹ *Ibidem*, p. 40.

A expulsão dos vendedores do templo representa a condição comum de todos aqueles que se esforçam para realizar o bem na esperança de obter de Deus algo em troca: este é, para Eckhart, o maior erro, pois quem faz assim não se dá conta de que suas ações são baseadas em pressupostos falsos e enganosos, querendo oferecer a Deus uma bondade que não lhe pertence. Tudo o que há de bom no homem, afirma o turíngio, não vem dele, mas de Deus; mais do que isso: tudo o que o homem é essencialmente, e tudo o que ele possui, vem de Deus. Os vendedores sempre operam para uma finalidade, não por amor, e isso é incompatível com a nobreza do templo, ou seja, da alma do homem criada a imagem e semelhança de Deus.

Falei também, além disso, que Nosso Senhor disse aos que ali ofereciam pombas: “Levai isso embora, retirai-o para longe!” A essa gente, Nosso Senhor não escorraçou, nem repreendeu muito, mas falou-lhe até com bondade: “Levai isso embora!”, como se quisesse dizer: “Isso <certamente> não é mau, mas impede a pura verdade”. Toda essa gente são *boas* pessoas, fazem suas obras puramente só por causa de Deus e nisso nada buscam do que é seu, e, no entanto, fazem-nas com e por vontade própria, ligadas a tempo e a número, a antes e depois. Nessas obras, essas pessoas estão impedidas <de alcançar> da melhor de todas as verdades, a saber, que elas deveriam ser livres e soltas como Nosso Senhor Jesus Cristo é livre e solto, e todo tempo, sem cessar e sem tempo, se concebe novo de seu Pai celeste, e no mesmo instante, sem cessar, perfeitamente de novo, gera a si com louvor e gratidão, para dentro da sublimidade do Pai, em igual dignidade¹².

As pombas não são uma parte essencial do templo e, portanto, devem ser retiradas. Como os que ofereciam pombas, também os homens devem retirar aquilo que perturba o sossego do templo que está neles, ou seja, devem renunciar às suas determinações de criaturas que Eckhart, nas obras em alemão, denomina com o termo *eigenschaft* (propriedade), e nas obras latinas com o termo neutro *proprium*. Na realidade, o *proprium* ou *eigenschaft* em si não é negativo, como o mestre dominicano ressalta na sua referência às pombas. Mas do ponto de vista do templo, tudo aquilo que pertence ao horizonte da criatura esconde e obscurece o verdadeiro fundamento do homem. A essência do homem, com efeito, não consiste apenas na sua *eigenschaft*, na sua determinação espaço-temporal, mas no fato de ser livre e criado à imagem de Deus.

Em plena verdade: a esse templo ninguém é realmente igual a não ser somente o Deus incriado. Tudo que está abaixo dos anjos não se iguala, de modo algum, a esse templo. Mesmo os anjos, os mais elevados, só se

¹² *Ibidem*, pp. 41-42.

igualam a esse templo da alma nobre até um certo grau, mas não plenamente. Que eles se igualem a alma em certa medida, isso vale para o conhecimento e o amor. Todavia, foi-lhes posta uma destinação; para além da qual não podem ir. Mas a alma pode muito bem ultrapassá-la. Se uma alma – e, a propósito, a <alma> de um homem que ainda vivesse na temporalidade – estivesse na mesma altura que o mais elevado dos anjos, esse homem poderia, assim, sempre ainda, em sua possibilidade livre, alcançar imensuravelmente mais alto por sobre o anjo, a cada instante, de novo, sem número, isto é, sem modo e por sobre o modo dos anjos e de todo o intelecto criado. Só Deus é livre e incriado, e por isso só Ele é igual a ela [a alma nobre] segundo a liberdade, não, porém, em vista da in-criaturidade, pois *ela* é criada¹³.

Quando o homem aprende a relativizar a própria dimensão limitada e finita, descobre em si um princípio, uma “possibilidade livre”, que o eleva acima do anjo mais nobre. Com efeito, contrariamente ao anjo (ao qual foi atribuído um limite pela eternidade), o homem no seu templo é absolutamente livre, indeterminado e – justamente por isso – igual a Deus. A nobreza e a liberdade do templo, no entanto, não são uma prerrogativa dos místicos e tampouco uma recompensa prometida na vida ultraterrena, mas estão ao alcance de todo homem que vive “na temporalidade” que deve apreendê-las e reconhecê-las em si. Assim, a mística da essência de Mestre Eckhart é a experiência intelectual de um homem que, após entender a nulidade da sua dimensão de criatura, procura um alicerce sólido ao seu ser (que não pode encontrar em nenhuma das dimensões às quais renunciou), descobrindo que é Deus o alicerce, o substrato e o ser da sua alma.

3 A mística do desprendimento

Em 1314, Eckhart foi enviado à Estrasburgo, capital da Teutônia, na qualidade de vigário geral do mestre da Ordem. Esse foi um período de atividade intensa que durou dez anos, até 1324. As obras que foram atribuídas a esse período são dois tratados em alemão¹⁴ – *Das Buch der göttlichen Tröstung* (O Livro da Divina Consolação) e *Von edeln Menschen* (Do homem nobre) – que juntos constituem o *Liber benedictus*. Há outro tratado do mesmo período, cujo título é *Von Abgeschiedenheit* (Do desprendimento), mas, como não é mencionado nas atas do processo contra Eckhart, sua autenticidade é discutida. A maioria dos estudiosos, no entanto, tendem a atribuí-lo ao turíngio. Em suas primeiras palavras,

¹³ *Ibidem*, pp. 42-43.

¹⁴ Existe uma tradução feita no Brasil desses tratados, assim como de alguns sermões em alemão e em latim, publicada pela editora Vozes: ECKHART, M. *O Livro da Divina Consolação e outros textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1999, 4ª ed.

o mestre dominicano afirma:

Eu procurei com sinceridade e com todo o empenho e mais alta e a melhor das virtudes, ou seja: a que capacite o homem a melhor e mais estreitamente unir-se a Deus e tornar-se por graça o que Deus é por natureza, e que mais o assemelhe à imagem que dele havia em Deus e na qual não havia diferença entre ele e Deus, antes que Deus produzisse as criaturas. E quando perscruto todos aqueles escritos, tanto quanto a razão mo permite e é capaz de percebê-lo, outra coisa não encontro senão esta: que o puro desprendimento ou total disponibilidade tudo supera, pois de certa forma todas as virtudes visam à criatura, ao passo que o desprendimento está desvinculado de todas as criaturas¹⁵.

Nessa noção de desprendimento não é possível separar os significados de técnica mística, de indicação prático-operativa para a perfeição da vida espiritual e de exercício filosófico: o desprendimento é a atividade racional do pensamento na sua finalidade principal de conduzir à união com Deus, através de um modo diferente de se relacionar com as coisas do mundo.

Há um elo profundo entre o *Abgschiedenheit* e o nada: “O desprendimento toca tão de perto o nada que não há o que se interponha entre o desprendimento perfeito e o nada; [...] objeto do desprendimento puro não é isto nem aquilo, Ele assenta num puro nada”¹⁶. O nada da condição perfeitamente conforme ao desprendimento é a reprodução exata do nada divino: com efeito, o próprio Deus é desprendimento: “O ser de Deus, Deus o deve ao seu desprendimento imutável; e do desprendimento Lhe vem a pureza e a simplicidade e a imutabilidade [...]; só o desprendimento conduz o homem à pureza, e da pureza à simplicidade, e da simplicidade à imutabilidade”¹⁷.

A mística do desprendimento, além de caracterizar todo o pensamento de Mestre Eckhart, dá a possibilidade de fazer um confronto com a espiritualidade e a mística de Marguerite Porete, uma beguina que foi queimada viva no dia 1º de junho de 1310 junto com seu livro (*O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*), na Place de Grève em Paris.

Segundo a mística poretiana do esvaziamento, se a alma aniquilada participa da potência divina, significa que ela tem a capacidade de conhecer a verdade separando-se das realidades contingentes, que não são

¹⁵ *Ibidem*, p. 148.

¹⁶ *Ibidem*, p. 149 e p.154.

¹⁷ *Ibidem*, p. 151.

apenas as coisas, mas também sua própria natureza de alma. Então, a distância entre a alma e Deus se encurta até anular-se, porque, na união com Deus, a alma torna-se Deus, como ser, verdade e amor infinito. Na mística de Marguerite, a absoluta plenitude do ser das criaturas é consequência da perda total das próprias características individuais: plenitude é, então, a plenitude do ser de Deus, limitado, do ponto de vista fenomênico, somente pelas características da criatura finita. Aparecem, assim, perfeitamente consoantes as afirmações segundo as quais as obras são um nada diante da plenitude de uma vida divina, que se torna possível por meio de uma “via aniquilada”¹⁸. Aniquilados o nome e a imagem, sinônimos de identidade individual, a alma retorna ao seu primeiro ser:

Agora essa Alma está no primeiro estado do ser que é seu estado próprio e, assim, deixou o três, e fez de dois somente um. Mas quando se tem esse uno? Esse uno se tem quando a Alma é recolocada naquela Deidade simples, que é um Ser simples de fruição transbordante, na plenitude do saber sem sentimentos, acima do pensamento. Esse Ser simples faz na Alma, por caridade, tudo o que a Alma faz, porque a vontade tornou-se simples. Essa vontade simples não tem nada a fazer nela, depois que venceu a necessidade das duas naturezas, lá onde a vontade foi trocada pelo ser simples. E essa vontade simples, que é a vontade divina, coloca a Alma no ser divino: mais alto ninguém pode ir, nem mais profundamente descer, nem mais desnudo pode estar¹⁹.

O sermão eckhartiano que mais reflete as posições do apofatismo poretiano é o nº. 52 (*Beati pauperes spiritu*). Nele, o mestre dominicano descreve o homem verdadeiramente pobre como aquele que “nada quer, nada sabe e nada tem”²⁰. A ausência da vontade própria, característica da alma aniquilada, torna a pessoa livre não apenas de práticas exteriores de piedade, mas também da imagem de Deus quando Ele é entendido como princípio das criaturas: “Por isso eu peço a Deus que me esvazie de Deus; pois meu ser essencial é acima de Deus, na medida em que compreendemos Deus como origem das criaturas”²¹.

Marguerite, de forma semelhante, “dispensa” a imagem de Deus na experiência do ser Uno, sem porquê, retornando à condição anterior à criação, quando não havia nenhuma determinação e a alma era nua, como o próprio Deus:

¹⁸ PORETE, M. *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*. Petrópolis: Vozes, (2008), p. 35.

¹⁹ PORETE, M. *Op. cit.*, pp. 227.

²⁰ ECKHART, M. *Sermões Alemães. Vol. 1, Op. cit.* p. 287.

²¹ *Ibidem*, p. 291.

Tudo para ela é uma única coisa, sem um porquê, e ela é nada no uno. Agora ela não tem mais nada a fazer por Deus, nem Deus por ela. Por quê? Porque Ele é e ela não é. Ela não retém mais nada em si, no seu próprio nada, por isso lhe basta, ou seja, Ele é e ela não é. Portanto, ela está despojada de todas as coisas, pois ela está sem ser, lá onde estava antes de ser²².

4 A mística da imagem sem imagem

A mística de Mestre Eckhart, por um lado, segue o rastro de uma antiga tradição segundo a qual o homem é criado “à imagem e semelhança de Deus” (Gen 1,26) e o Filho é “imagem perfeita do Pai” (Col 1,15). A intensidade com a qual o mestre dominicano faz referência a esse segundo aspecto, por outro lado, é reveladora da originalidade de seu pensamento: se o Filho e a geração são únicos, não é mais possível distinguir duas modalidades diferentes de ser imagem, uma plenamente realizada, própria do Filho de Deus, e a outra que indica o devir do homem em vista da realização escatológica. Esse é um dos aspectos nos quais o turíngio, conscientemente, se distancia da tradição. No Sermão 50 (*Eratis enim aliquando tenebrae*), o dominicano escreve:

Já tenho dito muitas vezes que é da obra em Deus e do nascimento que o Pai gera seu Filho unigênito. É desse eflúvio, que floresce o Espírito Santo, de tal modo que o Espírito <eflui> de *ambos*, e nesse eflúvio a alma salta <como> efluxo, e a imagem da deidade é impressa na alma. Nesse efluir e refluir das três Pessoas, a alma é influída e de novo na in-formada para dentro de sua primeira imagem sem imagem²³.

A verdadeira imagem de Deus é aquela em que desapareceram todas as outras imagens, que em si representam uma espécie de ídolo com o qual o Absoluto pode ser confundido. Por isso, a mística da imagem do mestre dominicano pode ser comparada à maestria do escultor que, como ele mesmo escreve no tratado *Do homem nobre*, apara as lascas que ocultam e encobrem aquela que é a verdadeira imagem:

Quando um mestre faz uma imagem de madeira ou de pedra, ele não introduz a imagem na madeira; o que ele faz é aparar as lascas que ocultavam e encobriam a imagem; não dá coisa alguma à madeira, mas lhe tira e escava a cobertura e afasta a ferrugem, fazendo aparecer o brilho do que jazia oculto debaixo dela²⁴.

²² PORETE, M. *Op. Cit.*, p. 225..

²³ *Ibidem*, p. 280.

²⁴ ECKHART, M. *O Livro da Divina Consolação e outros textos seletos. Op. cit.*, p. 93.

Na mística eckhartiana, o ser humano é uma imagem especular de Deus, um verdadeiro espelho através do qual Ele se torna visível. Na imagem refletida, a unidade com o modelo tem precedência sobre a distinção. O olho de Deus e o olho do homem são a mesma realidade, como afirma no Sermão 12: “O olho com que eu vejo Deus, é o mesmo olho com que Deus me vê; meu olho e o olho de Deus são *um* olho, *um* ver, *um* conhecer e *um* amar”²⁵.

O ser humano é *aspectum* de Deus e Deus é *respectum* do ser humano: os dois formam uma única realidade, da mesma forma em que o modelo e a imagem são *unum*, e não há inter-mediação que os separe, nem tempo, nem espaço, nem vontade, nem qualquer outra potência. Conseqüentemente, para o ser humano realizar sua vocação profunda de ser *unum* com Deus, tem que fazer retorno para Ele. O nascimento eterno e o nascimento no tempo fazem parte de um duplo movimento em que a imagem revela uma dúplici possibilidade de interpretação, passiva e ativa: a primeira considera o ser humano quando é gerado por Deus “à sua imagem”, comunicando-lhe sua essência; a segunda contempla o ser humano na sua dimensão de criador que, “no mesmo instante em que recebe a si mesmo, gera a si mesmo e não só isso, mas também a Deus e a criatura”²⁶.

Conclusão

Esta abordagem da mística de Mestre Eckhart, ao passar pelo crivo da análise de alguns dos seus escritos, tentou dar conta de uma temática complexa e debatida, conforme o juízo que Etienne Gilson dá a esse respeito:

o pensamento de Eckhart não é simples, e é fácil explicar o embaraço de historiadores que querem encerrá-lo numa fórmula ou mesmo designá-lo por determinado nome. Alguns veem nele, antes de mais nada, uma mística, outros uma dialética platônica e plotiniana – e, provavelmente, todos têm razão. Mística e dialética estão longe de se excluírem. Talvez não se estivesse muito distante da verdade representando Eckhart como uma alma devorada pelo amor a Deus, favorecida talvez por um sentimento intenso da presença divina e pedindo à dialética todas as justificações que ela era capaz de lhe dar²⁷.

Seria muita pretensão, entretanto, afirmar que esta abordagem seja completa ou compreenda toda possibilidade de interpretação da mística de

²⁵ ECKHART, M. *Sermões Alemães*. Vol. 1, Op. cit. p. 105.

²⁶ *Ibidem*, p. 160.

²⁷ GILSON, E. *A Filosofia Medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 870-871.

Mestre Eckhart. No entanto, ela pode ser útil para ensejar uma nova possibilidade de um discurso sobre Deus hoje, mesmo quando toda teologia parece ter esgotado seus argumentos teóricos para convencer o ser humano do século XXI da existência do *Deus absconditus*, e as religiões são sentenciadas de morte por uma parte considerável do pensamento científico (e que, mesmo assim, que continuam degladiando-se nas arenas confessionais e teológicas para impor a própria imagem de Deus). Esse Deus, porém, conforme a mística de Mestre Eckhart, se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios, e o ser humano se torna um ser aberto ao infinito na medida em que acolhe essa ausência, reconhecendo que não há um único caminho que conduza ao seu conhecimento, como também que é Ele mesmo a fornecer as coordenadas desse mesmo caminho. Seu ponto de chegada, segundo o turíngio, é o silêncio, única forma de expressão possível para quem conhece a Deus como desconhecido e não cognoscível. Na esteira do mestre dominicano, Anthony de Mello, um jesuíta indiano autor de inúmeras obras traduzidas no mundo inteiro (repletas de elementos oriundos da espiritualidade cristã, islâmica, budista e taoísta entre outras), escreveu:

Vocês estão cercados por Deus e não O vêem, porque vocês ‘sabem’ a respeito de Deus. A última barreira que impede a visão de Deus é o conceito que vocês têm de Deus. Vocês deixam escapar Deus porque vocês acham que sabem. Este é o aspecto terrível da religião. Isto é o que falavam os Evangelhos: os religiosos ‘sabiam’ e por isso se libertaram de Jesus. O maior conhecimento de Deus é conhecê-lo como o incognoscível. Hoje se fala demasiadamente sobre Deus: o mundo não aguenta mais. Há pouca consciência, pouco amor, pouca felicidade, mas nem utilizamos mais essas palavras. Há pouco abandono das ilusões, dos erros, dos desafetos e das crueldades, demasiadamente pouca consciência. O mundo sofre por causa disso, não por falta de religião²⁸.

Ponto de chegada dessa abordagem da mística de Mestre Eckhart é a descoberta do fim derradeiro do ser humano em busca do Absoluto: a união da alma com Deus, o ápice do conhecimento que é um tornar-se a mesma “imagem sem imagem”, simbolizada pelo turíngio no Sermão 80 com a metáfora da gota no mar bravio:

Por isso, diz um profeta que, em face de Deus, todas as coisas são tão pequenas como uma gota de água diante do mar bravio (Sb 11,23). Se derramásemos uma gota no mar, a gota se transformaria no mar e não o mar na gota. Assim acontece também à alma: quando Deus a atrai para si,

²⁸ DE MELLO, A. *Messaggio per un'aquila che si crede un pollo*. Casale Monferrato (AI): ed. Piemme, 1995 (Título original: *Awakeness*), p. 113-114.

ela é transformada em Deus, de modo que a alma se torna divina, e não que Deus se transforma na alma. Então, a alma perde seu nome e sua força, mas não sua vontade e seu ser²⁹.

No fundo da *dissimilitudo infinita*, onde ser e o nada convergem como em um abismo insondável, entre o fundo da alma e o fundo de Deus não há mais distinção: “aqui o fundo de Deus é meu fundo, e meu fundo é o fundo de Deus” (Sermão 5b)³⁰.

Referências Bibliográficas

DE MELLO, A. *Messaggio per un'aquila che si crede un pollo*. Casale Monferrato (AI): ed. Piemme, 1995 (Título original: *Awakeness*).

ECKHART, M. *Werke II - Predigten und Traktaten*. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 2008.

_____. *O Livro da Divina Consolação e outros textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1999, 4ª ed.

_____. *Sermões Alemães. Vol. 1*. Bragança P.ta/Petrópolis: Ed. São Francisco – Vozes, 2006.

GILSON, E. *A Filosofia Medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PORETE, M. *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*. Petrópolis: Vozes, (2008).

RUH, K. *Meister Eckhart. Teólogo, Predicatore, Místico*. Brescia: Morcelliana, 2ª ed., 1989.

TAULER, J. *Predigten*. Band I. Einsiedeln-Trier: Johannes Verlag, 1987.

*Prof. Dr. Matteo Raschetti (UNESP – SP)
X Simpósio de Filosofia: “Filosofia e Mística”
Faculdade Católica de Fortaleza, 20-22/05/2015

²⁹ ECKHART, M. *Sermões Alemães. Vol. 2, Op. cit.* p. 106.

³⁰ ECKHART, M. *Sermões Alemães. Vol. 1, Op. cit.* p. 67.